

Qual abordagem erigir para pensar as práticas de leitura e escrita na formação acadêmica e/ou na vida profissional?¹

Fanny Rinck*

Jane Quintiliano Guimarães Silva**

Juliana Alves Assis***

As pesquisas sobre letramento acadêmico representam um campo promissor, que este número da revista **Scripta** assume ao lidar com as *Práticas de leitura e escrita na formação acadêmica e/ou na vida profissional*. O objetivo assumido se traduz na discussão de questões atuais sobre: (i) a formação para a escrita (saber ler e escrever) e a formação por meio da escrita (ler e escrever para aprender e se formar por meio da escrita), (ii) a formação em língua materna e em línguas estrangeiras em um contexto acadêmico multilíngue, (iii) a escrita na universidade (ler e escrever nas disciplinas e em todo o currículo), (iv) a escrita profissional (limitações e funções da escrita no trabalho e nas organizações), de forma a integrar o questionamento sobre o letramento acadêmico, que se tornou objeto de grandes demandas.

A abordagem escolhida é absolutamente ampla. As investigações e as práticas de ensino referentes ao letramento acadêmico e profissional referem-se a contextos e a públicos muito variados. As necessidades são ecléticas, mas é importante pensá-las em conjunto, em um quadro geral que permita esclarecer os fundamentos e os desafios de uma didática de leitura e escrita no ensino superior e no mundo de formação de adultos. Esse quadro será capaz de integrar as abordagens que descrevem as práticas de escrita e de leitura e que analisam os dispositivos de formação para alcançar novas propostas.

Em países que, ao contrário dos Estados Unidos, não têm a tradição de centros de escrita nas universidades, o campo de estudo sobre letramento

1 - Segue-se a este texto, que reflete sobre as questões que ensejaram o dossiê apresentado neste número da **Scripta**, sua versão em francês, dada a grande colaboração de pesquisadores francófonos para a composição do dossiê.

* Laboratoire Modyco, UMR7114, Université Paris Ouest Nanterre La Défense.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

*** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista da Capes – Processo BEX 6647/10-3 (Estágio pós-doutoral no exterior).

acadêmico é relativamente recente. Ele se apoia sobre os seguintes pressupostos: massificação do público no ensino superior, observação maior de falhas e/ou queixas acerca do nível dos alunos, suposição de que as dificuldades observadas associam-se taxativamente à apropriação de conhecimentos das disciplinas e ao desenvolvimento de competências letradas.

A abordagem sobre o letramento acadêmico se desenvolve paralelamente com a didática da escrita em contexto escolar (antes do ensino superior) e com a formação de adultos em fase de letramento fora da universidade (analfabetismo, escrita criativa, alfabetização avançada). A esse respeito, é necessário assinalar que as discussões sobre as práticas de leitura e escrita no mundo do trabalho também alimentaram fortemente os debates sobre a formação universitária, o que criou, no campo da didática da escrita, a necessidade de diálogo entre a universidade e os diferentes espaços sociais nos quais um sujeito se engaja e de que a escrita é parte integrante.

Afirmar a importância da formação de estudantes e adultos para a escrita significa assumir totalmente o significado do conceito de letramento. Mesmo para aqueles que são educados na sua língua materna, o aprendizado da escrita não está concluído quando de sua entrada na universidade. Ao contrário, é um processo que continua durante toda a vida. Ele não se restringe somente a aprender a ler e a escrever em uma diversidade de situações em contínua evolução (por exemplo, situações de trabalho), mas também inclui pensar e agir por meio da escrita, como preconiza a definição dada pela Unesco sobre o letramento: “é a chave para a comunicação e a aprendizagem de todos os tipos e uma condição fundamental de acesso às sociedades de conhecimento atuais”.²

A nossa sociedade elegeu os estudos e os diplomas como o “graal”, condição de acesso ao emprego; note-se que ela é qualificada como “sociedade do conhecimento”. No que respeita ao papel do ensino, não se trata somente de “acesso” aos bens simbólicos de uma sociedade; cada cidadão é convidado a participar da vida social (estamos falando de “democracia participativa”). Para dar um exemplo mais simples, todos podem contribuir para a enciclopédia Wikipedia, mesmo os não contribuintes e os não consumidores discutem a sua confiabilidade, ao mesmo tempo em que algumas pessoas a veem como um bom exemplo da “inteligência coletiva” em desenvolvimento.

Nesse sentido, as práticas de letramento são atividades transformadoras, reguladas por injunções sociais, culturais e históricas, razão pela qual o letramento varia de acordo com os contextos e as áreas sociais, isto é, de acordo com o sistema

2 - Unesco, the global literacy challenge <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170e.pdf>>.

de referências culturais, ideológicas e materiais que o caracteriza (BARTLETT, 2007; STREET, 2003).

Nessa perspectiva, somos levados a analisar o letramento como objeto e instrumento de formação. Assim, algumas questões se impõem. Como se dá essa formação ao longo da vida? O que representa o letramento avançado? O que a formação para o letramento e pelo letramento acarreta e a que ela pode levar em termos de saberes e de circulação de saberes na sociedade do conhecimento? De qual pensar e de qual agir estamos falando quando os consideramos ligados à escrita? Como pensar o fato de que uma nova geração se desenvolve, herdando ferramentas materiais e intelectuais criadas pelas gerações anteriores (TOMASELLO, 1999)?

As dificuldades de leitura e de escrita de alunos e adultos graduados são frequentemente tratadas como sintoma de várias anomalias: *deficit* cognitivo? Diferenças e desigualdades no acesso à cultura? Fracasso da escola, que é incapaz de resolver o problema do insucesso escolar? Aculturação progressiva, como podemos ser levados a concluir pelo conceito de letramento? Se se admite que a leitura e a escrita fazem parte do “*métier* do estudante” (COULON, 1997) e da bagagem que construímos ao longo da vida, que práticas a universidade e a formação de adultos devem privilegiar? Quais são, enfim, os desafios em termos de uma formação para o/pelo letramento?

Na universidade, é preciso dar aos estudantes os meios para seguir seus estudos em um contexto plurilíngue e multimodal, que permita a todos o domínio da leitura e da escrita em geral, mas também é necessário permitir aos alunos a apropriação, por meio da leitura e da escrita, dos modos de fazer e pensar próprios das disciplinas. Esses dois aspectos se traduzem, em contexto anglo-saxão e nos centros de escrita das universidades norte-americanas, pelas correntes WID (*Writing in the disciplines*) e WAC (*writing accross the curriculum*).

Nessa concepção, as práticas de letramento na universidade, como espaço de produção, circulação e recepção de discursos escritos, constituem espaços do processo de construção intersubjetiva de significados, engendrados na e pela (inter)ação entre os estudantes, os professores e as outras vozes com as quais interagem. Na base desse raciocínio, encontra-se a concepção segundo a qual a experiência dos processos de socialização, que são contínuos e permanentes na vida das pessoas de qualquer esfera de atividade humana, implica a construção de posicionamentos identitários, provocados por outras/novas funções e novos papéis sociais (e, nessa medida, também discursivos) da parte daqueles que integram as atividades sociais. A título de exemplo, pode-se pensar na formação universitária, nos papéis de pesquisador ou de professor em formação.

Junte-se a esse aspecto a formação profissional. Por meio da certificação, a formação disciplinar pretende servir como formação (pré)profissional: na formação inicial dos alunos, na formação continuada para pessoas que têm um emprego ou estão se candidatando a um e, neste caso, comprometem-se a uma formação na universidade. Pode-se indagar se o letramento acadêmico prepara suficientemente bem para os letramentos profissionais? É óbvio que o letramento acadêmico conduz os estudantes, pouco a pouco, para a escrita da investigação e para o ofício de pesquisador; no entanto essa aprendizagem não acontece por acaso, e as lacunas na formação de futuros mestrandos e doutorandos, bem como de pesquisadores-aprendizes têm sido também salientadas.

Do mesmo modo, é necessário focalizar as outras profissões. Em particular, os futuros professores de línguas. Eles demonstrarão um domínio suficiente da língua (por exemplo, no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, não é suficiente ser falante (ou escritor e leitor) para ensinar um idioma) após seus estudos? Além disso, como lidar com as novas exigências, no que concerne, por um lado, à formação de redatores profissionais (áreas da escrita profissional, da redação profissional) e, por outro lado, à formação de profissionais de diferentes setores, mas cujo ofício apresenta problemas/demandas ligados à escrita (por exemplo, profissionais da tecnologia, da contabilidade, etc.)?

Nos cursos de técnica de expressão ou nos cursos de cultura geral, observa-se que o desenvolvimento do letramento é feito, em parte, independentemente dos gêneros. A noção de gêneros de textos é central, no entanto, quando se trata, por um lado, da escrita nas disciplinas e, por outro, da escrita profissional (BAKHTINE, 1984; MILLER, 1984; RUSSELL, 2012). Entretanto, no ensino dos gêneros, corre-se o risco de considerá-los como modelos dos quais os alunos devem se apropriar; em lugar disso, deve-se encarar o desafio de que o domínio dos gêneros se dá fazendo uso deles, ou seja, pensando e agindo com ou por meio desses gêneros. Essa observação pode parecer secundária para a escrita funcional (escritas profissionais, como as anotações no/para o trabalho, os relatórios, etc.), que pode dar a impressão de que se trata simplesmente de reproduzir um modelo. Ao contrário, partimos do princípio de que, nas mais diversas esferas das atividades sociais, os gêneros são “um artefato simbólico, de mediação entre o sujeito e o outro, entre um sujeito e um objeto, entre um sujeito e uma determinada atividade e, finalmente, entre um sujeito e uma determinada esfera social” (MATENCIO, 2008, p. 191). Isso não significa, porém, que, independentemente do nível ou do tipo de formação, não se considera uma abordagem normativa, que leve em conta os aspectos formais e convencionais dos textos que atualizam os gêneros.

Outras questões ainda merecem ser pensadas. O que, de fato, deve ser considerado na escrita acadêmica, em que é preciso, ao mesmo tempo, adotar convenções e ser inventivo ou desenvolver um ponto de vista original e um pensamento próprio? Finalmente, o que é a escrita criativa ou literária, considerada interessante para desenvolver o letramento? Além disso, os escritos profissionais não são criativos para alguns, como, por exemplo, na escrita da *web*?

Um dos problemas que se põe, sobretudo em relação à transição entre formação universitária e mundo profissional, é o da transferência de competências. Os poucos estudos existentes mostram que elas não se transferem simplesmente, uma vez que ensinar um gênero significa se familiarizar com uma atividade e aprender a agir em um contexto (DIAS *et al.*, 1999; RUSSELL, 2012). A formação para o/pelo letramento deve, assim, visar ao mesmo tempo às duas exigências: a formação por meio dos gêneros e a formação favorecendo a transferência de competências. Para dar conta disso, o contraste entre gêneros parece ser uma solução atualmente explorada (RUSSELL, 2012) – e mais amplamente o desenvolvimento de consciência linguística (*language awareness*) – como atitude geral em relação à linguagem e à sua aprendizagem; no nosso caso, a linguagem escrita.

Essas reflexões nos reenviam à delicada questão do papel da universidade na formação profissional. Alguns criticam o fato de que a formação universitária, de caráter, sobretudo, teórico, não permitiria preparar para a prática profissional. No entanto, a universidade não pode simplesmente conduzir suas ações orientando-se pela ideia de que profissionalizar é preparar para a atuação em um único *métier*: é preciso formar indivíduos que sejam capazes de se orientar ou se reorientar em/para diversos *métiers*, de lidar com as evoluções de seu *métier*, bem como de ser agentes nessa evolução. Assim, numerosos estudos têm mostrado, com a noção de “reflexividade”, que os saberes teóricos e a capacidade de análise das práticas, com a ajuda desses saberes teóricos, são uma chave para ser um bom profissional (cf. a noção de *praticien réflexif* em SCHÖN, 1994). Desse modo, a formação profissional não pode se reduzir ao ensino de alguns tipos de texto. Ela deve fornecer chaves para permitir aos sujeitos se adaptarem a uma diversidade de contextos.

A formação para a leitura e a escrita e por meio da leitura e da escrita, na universidade e na vida profissional, poderá, portanto, se fundar nos princípios e objetivos seguintes: (i) cobrir todas as dimensões da escrita e da leitura, da ortografia e gramática até o uso de variados gêneros (tendo em vista tanto os formatos de texto quanto as questões que dizem respeito aos conteúdos temáticos), (ii) servir de fio condutor da formação acadêmica às esferas profissionais, passando pelas especificidades disciplinares e tendo em conta também outros usos sociais (por

exemplo, leitura de obras literárias, fóruns na internet, etc.) (iii) promover o desenvolvimento do letramento, mas experienciando o letramento como uma forma de pensar e agir, como um lugar de construção do conhecimento (na universidade, no trabalho, na sociedade do conhecimento) e como um espaço de autoconstrução (identidade profissional, desenvolvimento pessoal, capacitação e mesmo emancipação em alguns programas educativos inspirados por DEWEY, 1916).

Apresentação do dossiê

O número se compõe de quatro partes: a primeira trata do ler/escrever na formação acadêmica, e reúne dois campos de formação – em língua materna e em língua estrangeira. A segunda interroga a transição entre o mundo profissional por meio da discussão sobre a formação de professores. A terceira é dedicada às escritas profissionais em diferentes setores (educacional, técnico, publicitário) e formação de redatores profissionais e especialistas da comunicação. A escrita de pesquisa e a formação de pesquisadores é o foco da quarta e última parte.

Abrindo a primeira parte, o artigo de Françoise Boch e Laurence Buson aborda a formação em ortografia e em gramática na universidade francesa. A análise de textos produzidos por estudantes ingressantes na universidade permite a eles identificar suas necessidades principais. Por meio de experimento junto a alunos de graduação nos dois primeiros anos de curso, os estudantes são levados a assumir a posição de pesquisadores em linguística: os alunos se interrogam sobre o funcionamento da língua e superam sua insegurança na aprendizagem.

Suzi Marques Spatti Cavalari discute as características da linguagem mediada pelo computador em um ambiente de ensino e aprendizagem de língua estrangeira viabilizado pelo uso de recursos de comunicação síncrona na modalidade escrita. O trabalho toma como *corpus* de análise a produção escrita de uma brasileira, que interage com um americano por meio do *Windows Live Messenger*. A análise empreendida mostra as representações que a estudante brasileira deixa emergir de sua escrita, de seu interlocutor, de si mesma e do processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

O letramento acadêmico e a multimodalidade é o tema do artigo de Fabiana Komesu. A autora assume como objetivo discutir o processo de constituição do texto no contexto digital, de modo particular, pelo viés da problematização de meios e recursos.

Fechando a primeira parte, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa investiga a produção do espaço (aspecto pragmático-enunciativo) e das espacialidades

(aspecto histórico-discursivo) num conjunto de textos de pré-universitários em situação de avaliação (exame vestibular). Na análise, são consideradas as noções de letramento acadêmico (LEA; STREET, 2006), de aspectos ocultos do letramento (STREET, 2009) e de presumido social (VOLOSHINOV/BAKHITIN, 1926) como modos de associar a perspectiva etnográfica à perspectiva discursiva.

Na segunda parte do dossiê, Ana Elisa Ribeiro, Izabella F. Guimarães e Suelen E. Costa da Silva apresentam os resultados de uma pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa em curso de engenharia de uma instituição pública do estado de Minas Gerais, reconhecida principalmente pela excelência na formação de engenheiros e técnicos. Por meio da análise, as autoras evidenciam um conflito entre o letramento acadêmico/profissional e o ensino/aprendizagem da escrita formal na engenharia.

O trabalho de Ana Lúcia Guedes-Pinto reflete as atuais discussões sobre o letramento na formação de professores e examina as relações existentes entre o uso cotidiano da prática de escrita no ensino universitário e a formação profissional docente. A autora aponta elementos para a reflexão sobre o papel da escrita no contexto dos cursos de formação inicial de professores.

O artigo de Sandoval Nonato Gomes-Santos e Caroline Seixas descreve o processo de apropriação de gêneros textuais por estudantes de Letras (licenciatura), em processo de formação. São analisados textos emanados da prática de formação em curso, os quais materializam gêneros da formação docente. Os autores conduzem a análise orientados pela hipótese de que a descrição do processo de produção de gêneros textuais constitutivos da formação docente pode fornecer valiosas contribuições para reflexão sobre o trabalho do professor de português.

Céline Beaudet e Véronique Rey questionam, em seu trabalho, a diferença entre escrita acadêmica e escrita profissional, focalizando o processo de transição entre uma e outra. Examinando parte de uma experiência em curso de Mestrado Profissional de Redação da Universidade de Aix-Marseille (França), recentemente criado, as autoras avaliam os efeitos de um curso especializado em escrita profissional na produção escrita dos estudantes.

Inaugurando a terceira parte do dossiê, Séverine Equoy Hutin dedica-se a examinar processo de leitura/escrita na formação de estudantes de DUT (Diplôme Universitaire et Technologique), na França, curso em que se dá a formação de Comunicação, com ênfase em Publicidade. A autora observa como a leitura e a escrita se nutrem mutuamente no processo de criação publicitária em situação de aprendizagem profissionalizante.

Marie-Josée Goulet discute o papel das ferramentas da informática no processo de produção de textos profissionais. Ela se apoia em entrevistas realizadas com

redatores profissionais, por meio das quais consegue demonstrar o potencial das ferramentas informáticas de auxílio à redação profissional bem como refletir sobre as novas competências esperadas para o redator.

No campo dos letramentos universitários, os textos produzidos por professores foram estudados sobretudo sob o ângulo das escritas de formação (por exemplo, por meio de memorial de formação de futuros professores). O artigo de Rouba Hassan toma como foco os textos de professores produzidos no âmbito do trabalho docente, por meio de entrevistas com professores do primário e do secundário e de observações em suas salas de aula, do que resulta a compreensão das tarefas e tensões subjacentes à ação dos professores.

Abrindo a quarta e última parte do dossiê, Sébastien Kapp assume o papel central da escrita no processo de elaboração de tese por doutorandos, em particular no campo das ciências humanas. O autor revela, com base em oficinas realizadas com estudantes em fase de doutoramento, as dificuldades envolvidas na tarefa de escrita, muitas delas fruto das representações com que esses sujeitos operam no processo em curso.

O trabalho de Angélica Rigaudière igualmente se insere no campo dos letramentos universitários, especificamente no que toca à formação do pesquisador e às suas dificuldades na escrita de pesquisa. A autora analisa as reflexões de estudantes, responsáveis pela publicação de periódico científico na área de música, as quais permitem entrever pistas importantes do processo de aprendizagem em andamento.

A ligação entre a disciplina e as formas de escrita que ela possibilita aos estudantes é o foco do artigo de Marie-Christine Pollet. A autora analisa dados obtidos em uma disciplina sobre a escrita em História, em que os estudantes são levados a trabalhar com um romance atual, que aborda a questão da fronteira entre a história e o romance, o real e a ficção. A experiência didática vivida permite, ainda, a reflexão sobre o que é a pesquisa em História, a partir da ressignificação do fazer do historiador, tendo em conta as provas e as fontes a que ele recorre.

Fechando o dossiê, Adilson Ribeiro de Oliveira reflete sobre a escrita (e seus processos) no ensino universitário, mais especificamente na formação de professores na modalidade a distância. A análise se volta para a experiência de escrita de alunas desse curso, as quais culminaram na produção de artigo científico. O trabalho traz subsídios importantes para se pensar o ensino do gênero na formação universitária e suas implicações no ensino a distância.

Em suma, este número aporta, por meio dos eixos que orientaram sua organização, um forte conjunto de investimentos teórico-analíticos sobre as práticas de formação para o/pelo letramento, que se desenvolvem atualmente no

ensino superior, em escala internacional. Eles refletem a diversidade de contextos de aprendizagem e permitem questionar, através de exemplos de experiências de campo, as referências teóricas em jogo bem como novas configurações do ensino e aprendizagem da escrita na Universidade.

Referências

BAKHTINE, M. (1984). « Les genres de discours », dans **Esthétique de la création verbale** (texte de 1952-53, publié en 1979), Paris, Gallimard.

BARTLETT, Lesley (2007) : « To Seem and to Feel: Situated Identities and Literacy Practices », **Teachers College Record** 109, 1, 51-69. 2007.

COULON, A. **Le métier d'étudiant**. L'entrée dans la vie universitaire. Paris, PUF, 1997.

DEWEY, J. (1916). **Democracy and education**. New York: Free Press, 1966.

DIAS, P.; FREEDMAN, A.; MEDWAY, P.; PARÉ, A. **Worlds Apart: Acting and Writing in Academic and Workplace Contexts**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

MATENCIO, M. L. M. Gêneros discursivos na formação de professores: reflexões sobre a construção de saberes e o processo de letramento. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 189-199.

MILLER, C. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, 70, 151-167, 1984.

RUSSEL, D. R. Écrits universitaires/écrits professionnalisants/Écrits professionnels: Est-ce qu'“écrire pour apprendre” est plus qu'un slogan ?. **Pratiques** (Special Issue : selected Papers of the Conference on Academic Literacies : Knowledge, Writing, Disciplines, Lille, France, 2010 September 2nd-4th. Forthcoming, 2012)

SCHÖN, D. **Le praticien réflexif**. À la recherche du savoir caché dans l'agir professionnel, Montréal : Les Éditions Logiques, 1994.

STREET, Brian. What's “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, 5(2), p. 77-91, 2003.

TOMASELLO, M. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Harvard : Harvard University Press, 1999.